



COMEMORAÇÕES, MONUMENTOS E MUSEUS: AÇÕES MEDIADORAS PARA RECORDAR

Alba Cristina Couto dos Santos *

Resumo

Este texto busca analisar formas de regulação e gerenciamento da visibilidade de um determinado grupo social do Rio Grande do Sul (1942-1980). A partir dos líderes do cooperativismo de crédito e do associativismo na cidade de Nova Petrópolis, que possuem como base fundadora Theodor Amstad S.J., identificamos rememorações sistemáticas desse líder fundador e suas ações desde 1942, até os dias atuais. As memórias constituídas e seus eventos podem ser entendidos como afetivos, ou como uma dominação simbólica, nesse caso, institucional. Entendemos que as comemorações e os lugares de recordar são capazes de criar um ambiente de familiaridade, empatia, afetividade e, por consequência, referenciais de identidade. O recordar do imigrante suíço tornou-se, ao longo do tempo, institucionalizado por aqueles que chamamos aqui de “notáveis da memória” por meio de festas em datas específicas e pelo erguimento de monumentos e museus.

Palavras-chave: Theodor Amstad; Recordar; Notáveis da memória.

Abstract

This text intends to analyze the ways of management and regulation of the visibility of a certain social group in Rio Grande do Sul (1942-1980). By looking at the leaders of the credit cooperativism and associativism in the city of Nova Petrópolis, which have at its founding base Theodor Amstad S.J., we identified systematic remembrances of this founding leader and his actions from 1942 up to the current days. The memories that have been built and their events can be understood as affective or as symbolic domination - institutional domination, in this case. We understand that the celebrations and the places of remembrance are capable of creating an atmosphere of familiarity, empathy, affectivity, and as a consequence, identity models. The remembrance of the Swiss immigrant became institutionalized in the course of time through the parties in specific dates and through the building of museums and monuments by those whom we will be referring to as the “notables of memory.”

Keywords: Theodor Amstad; Remembrance; Notables of memory.

*Alba Cristina Couto dos Santos
Doutoranda em História Latino-Americana.
Bolsista CNPq (UNISINOS)
Mestre em História Ibero-Americana.
Bolsista CNPq (PUC- RS)
Graduada em História. Bolsista de Iniciação Científica UNIBIC (UNISINOS)
accristinasantos925@gmail.com

Considerações Iniciais

A memória coletiva, quase sempre, é construída pela rememoração de feitos, fatos heroicos, míticos e sobre a origem de famílias/etnias tradicionais nas diferentes sociedades. A rememoração reforça a ideia do uso da memória, de um lado, no que diz respeito a uma determinada classe que procura legitimar sua posição social e /ou importância como grupo social ou cultural e, de outro lado, por meio do retorno às origens familiares, étnicas, religiosas, institucionais, também em busca de uma legitimação e da manutenção de uma identidade. Manter-se como detentora dessa memória coletiva significa determinar o que deve ser lembrado posteriormente.

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 426).

A proposta deste texto² vem ao encontro de um trabalho já realizado sobre a memória coletiva criada e recriada em torno do indivíduo histórico Theodor Amstad SJ. Ele foi um líder nas colônias de imigração alemã do Rio Grande do Sul e fundador de duas instituições no início do século XX, SICREDI Pioneira e Associação Theodor Amstad³. Essas instituições ainda coexistem e compartilham suas histórias entre si e com a comunidade da cidade onde se localiza sua sede, Nova Petrópolis, na serra gaúcha. Nas próximas páginas, buscamos abordar aspectos relacionados ao regulamento dessas recordações e / ou ao gerenciamento dessas memórias pelas instituições envolvidas, tanto as famílias quanto o poder público local.

Ao nos questionarmos a respeito das memórias que deveriam permanecer da história de vida do padre e a respeito do seu envolvimento com o associativismo, surgiu a dúvida: Para quem ser lembrado? É importante ressaltar que a presença de Theodor Amstad na região não passou a ser importante por causa da criação das associações. Sua presença junto ao grupo de jesuítas que chegaram à região a partir de 1850 foi bastante significativa em relação à comunicação e às próprias práticas religiosas. As áreas de colonização passavam por dificuldades econômicas, enfrentando concorrência com seus produtos e problemas com o escoamento da produção. No campo religioso, não foi diferente, sobretudo com a falta de compreensão na vivência da fé, pois havia ali a “barreira da Língua”, motivada pela presença

² Este artigo é uma versão revisada e ampliada daquela que foi apresentada no II Encontro História, Imagem e Cultura Visual. Porto Alegre, 2013.

³ Essas instituições eram conhecidas como Caixa Rural, tipo “Raiffeisen” e Sociedade União Popular, respectivamente. Consiste em cooperativa de crédito e associação comunitária, com a finalidade de amenizar a dificuldade econômica das colônias alemãs no final do século XIX, início do XX, na região do Vale do Caí.

preponderante de padres hispânicos e lusos, situação que se tornou determinante para a inserção de padres alemães na comunidade local.

Nosso personagem central chegou ao Brasil em 1885, por designação missionária. Por via de regra, o termo “missionário” refere-se a um pregador de missões, aquele que é incumbido de enviar algo para alguém ou para algum lugar: no caso sacerdotal, para doutrinar as almas nas regiões mais incultas e bárbaras. Aloysio Bohnen (2000) ampliou esse conceito e vinculou-o ao termo “terra de missão”, que seria “toda aquela em que, embora já civilizada, a Igreja ainda não está constituída e consolidada, em todos os meios e órgãos correspondentes, para a consecução do fim, a saber: a salvação das almas” (2000, p. 10), ou diz respeito àqueles lugares em que a Igreja não alcançou a maturidade suficiente em sua organização para ser autônoma.

Amstad, como homem do seu tempo, participou ativamente do projeto de Restauração Católica⁴ da primeira metade do século XX no país e foi membro importante na difusão deste, sobretudo, nas zonas de colonização alemã, concentrando suas atividades, primeiramente, no Vale do Caí e Vale dos Sinos. Estendeu sua dedicação e trabalho, mais tarde, para as novas áreas de colonização, Vale do Taquari, região de Cerro Largo e região noroeste do Estado. Seus objetivos eram evangelizar e propagar a fé, por meio de uma ação pastoral e social⁵.

A história vivida pelo padre Theodor Amstad com as comunidades dos vales findou no ano de 1938, com a sua morte, na cidade de São Leopoldo. Morreu aos 86 anos, dois dias antes de completar 87 anos. Após sua morte, começa um novo capítulo na história da associação e das caixas rurais fundadas por ele. Inicia-se um processo de memórias em torno do personagem e de releituras dos seus discursos. Ambas as situações aparecem intimamente ligadas às comemorações e festividades das instituições que procuramos abordar.

Quatro anos depois de sua morte, no ano de 1942, líderes das caixas rurais tipo *Raiffeisen*⁶, e outras instituições que receberam o incentivo de Amstad, entre elas, Caixa Rural de Nova Petrópolis (1902), Banco Agrícola Mercantil Santa Cruz LTDA (1904), Banco Popular de

⁴ Esse projeto tinha como pontos centrais: a retomada da doutrina formulada pelo Concílio de Trento; a obediência à autoridade do romano pontífice e dos bispos; a distância e a rejeição à ingerência do Estado e das autoridades leigas na vida e nos assuntos da Igreja (RAMBO, 2002, p. 60).

⁵ A Associação Rio-Grandense de Agricultores - fundada em 1900 durante o 3º Congresso Católico, por Theodor Amstad, um grupo de leigos e outros religiosos - foi oficializada em 1902. Tinha como foco principal facilitar a solução dos problemas financeiros, sociais, culturais e religiosos dos colonos. Junto a essa associação criaram-se as caixas rurais, tipo *Raiffeisen*, no ano de 1902, as quais deram origem à cooperativa que, atualmente, chama-se SICREDI Pioneira. Essa associação manteve suas atividades até 1909 nos moldes originais com suas lideranças fundadoras. As cooperativas seguiram em frente dissociadas da associação. No ano de 1912, foi fundada a Sociedade União Popular, sob a liderança de Amstad, cujas finalidades iam para além das resoluções financeiras já que essa associação era confessional. Ver mais em: SANTOS, 2013; SCHALLENBERGER, 2001.

⁶ Esse nome surgiu na grande crise da Europa, nos anos de 1846 e 1847, que atingiu a comarca de Weyerbusch. Para enfrentar a situação, Friedrich Wilhelm Raiffeisen criou o Clube do Pão. Conseguiu o empréstimo necessário para comprar farinha dos estoques do governo. Cada um dos sócios empenhou a sua propriedade. Surgiu então uma padaria comunitária que confeccionava pão a baixo preço. A ideia foi imitada rapidamente. E, de crise em crise, a iniciativa foi-se aperfeiçoando, até se institucionalizar como uma cooperativa de crédito. [...] Fiéis ao lema de seu idealizador “um por todos, todos por um”, as Caixas congregaram-se, em 1887, na Associação Geral das Cooperativas Alemãs Raiffeisen (RAMBO, 2000, p. 19).

Lageado (1906), Caixas Rurais da União Popular do Rio Grande do Sul (1903-1940), resolveram homenageá-lo com a construção de um monumento na Linha Imperial⁷. Foi nesse lugar, onde residiu por mais tempo o conhecido “Santo Padre”, “Pai dos Colonos”, que aconteceram as primeiras reuniões para a criação da primeira cooperativa de crédito da América Latina, atualmente conhecida como Sistema Cooperativo de Crédito - SICREDI Pioneira.

A inauguração do monumento contemplava a realização do 22º Congresso Católico ou *Katholikentage*. Esses congressos eram realizados aos moldes daqueles que ocorriam na Alemanha desde a segunda metade do século XIX, quando as associações católicas congregavam-se em assembleias, mobilizando o mundo católico a unir esforços para melhorar a realidade religiosa, política e econômica da Alemanha. As assembleias eram conhecidas como *Katholikentage*, “Dias dos Católicos”. Os *Katholikentage*, que representavam a organização maior dos católicos, eram reuniões de assembleias gerais para definir diretrizes do social catolicismo. Os assuntos eram definidos de acordo com a conjuntura social, buscando formas de ajuda mútua dos católicos (SCHALLENBERGER, 2012).

Para esse evento, era aguardada a presença de cerca de cinco mil pessoas na cidade. A escolha da data para a inauguração do monumento não foi por acaso. Dois motivos uniam forças para tal: em primeiro lugar, o próprio congresso católico, que ainda era realizado desde 1898, e, em segundo, a comemoração do 40º aniversário da Caixa Rural de Nova Petrópolis, a ser realizada naquele ano. O monumento foi instalado na praça, em frente à igreja, onde Amstad exerceu seu sacerdócio. A praça foi construída para o evento e recebeu o nome de “Theodor Amstad” para lembrar e reavivar a imagem de Amstad. A constituição desse “lugar de memória” pode ter sido gerenciado por alguns líderes, inclusive políticos, mas a comunidade deu seu aceite não só na colaboração de recursos próprios para aterrar e uniformizar o terreno, como também no embelezamento da praça.

Figura 1- Fotografia da Comemoração do 40º aniversário da Caixa Rural de Crédito de Nova Petrópolis e inauguração do Monumento ao iniciador do cooperativismo de crédito no Brasil

⁷ Podemos dizer hoje que é um bairro localizado na cidade de Nova Petrópolis. Linha ou Picada era a denominação que os imigrantes davam quando abriam uma clareira para ali erguer sua moradia. Configurava-se uma nova propriedade, e o termo foi gerado da própria estratégia de ocupação adotada. Em sua acepção original, “picada” nada mais significava do que a trilha de acesso às novas propriedades (RAMBO, 2011, p. 15-16). Um número maior de picadas formava os distritos. *Schneiss* era a expressão em alemão (BOHNEN, 2000, p. 20).

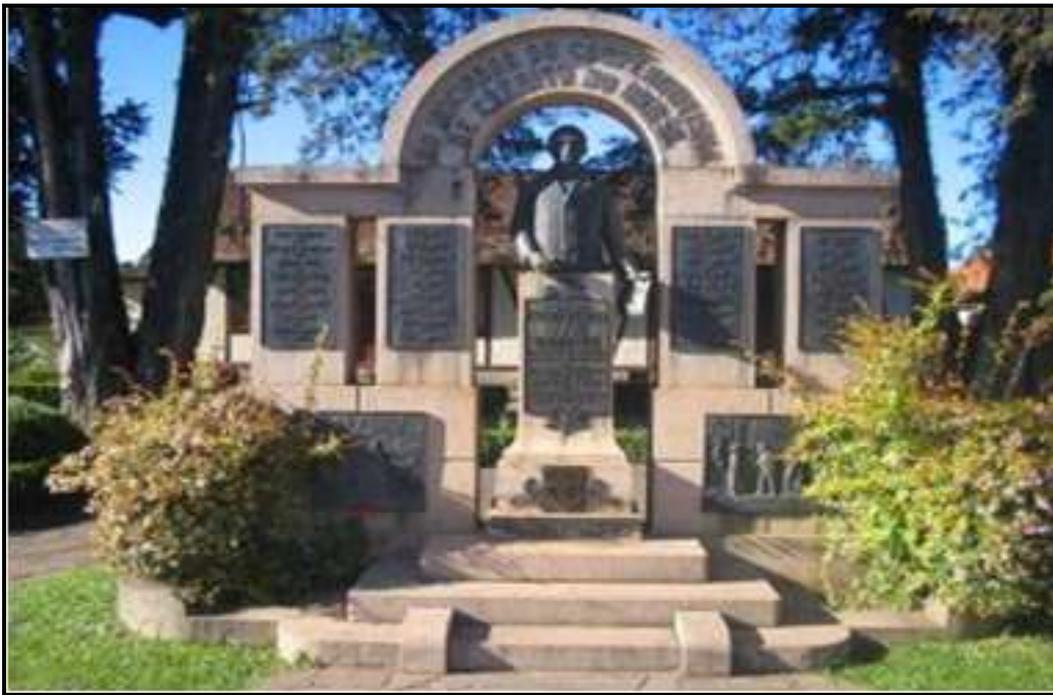


Fonte: Acervo: ADOPE UNISINOS. Fundo Balduino Rambo. São Leopoldo/ RS, 1942.

João Carlos Tedesco (2011) destacou a importância dos lugares de memória atuando como um forte poder simbólico, capaz de criar um ambiente de familiaridade, empatia e afetividade, e, por consequência, referenciais de identidade. A memória é o resultado de um trabalho permanente no decorrer do tempo, durante o qual seus conteúdos são revistos, conservados ou abandonados pelos grupos. Ela pode ser considerada uma conquista e um objeto de poder. Os indivíduos e/ou determinado grupo social buscam, mediante a construção da memória coletiva ou individual, a sua identidade. Nas sociedades contemporâneas, a memória é um dos elementos essenciais para a construção da identidade.

O monumento a que nos referimos em memória a Theodor Amstad segue logo abaixo. Ele é constituído de um busto do homenageado, em bronze, e de placas informativas no seu entorno, formando um conjunto de imagem e texto. Nessas placas, estão inscritos os nomes das cidades e das caixas rurais que participaram financeiramente da homenagem.

Figura 2- Monumento ao Iniciador do Cooperativismo de Crédito no Brasil - Linha Imperial, Nova Petrópolis /RS



Fonte: Do autor, 2011.

Com um olhar mais atento a essas placas, percebe-se um forte intuito pedagógico, uma característica marcante da arte cristã. Elas mostram os caminhos percorridos por Amstad levando a ideologia do cooperativismo e do associativismo além da Palavra do Evangelho às famílias. Duas dessas placas, localizadas abaixo do busto, destacam-se por conter imagens que contam uma história. Na primeira figura, está Amstad e sua mula, a animália companheira das longas viagens. Na outra, “o pequeno padre” representado no acolhimento familiar.

Percebe-se, nessas placas com imagens, uma ordem para serem lidas da esquerda para direita, induzindo o olhar para a informação nelas contida e compondo um jogo visual ligado ao esquema de leitura do ocidente. Na placa central do monumento, abaixo do busto, consta o motivo pelo qual tal monumento foi erguido.

Figura 3- O acolhimento da família Amstad viajando na mula



Fonte: Do autor, 2011.

Figura 4- Placa central



Fonte: Do autor, 2011.

Fernando Catroga (2009) refere-se à imagem como substituta da memória que eterniza, sacraliza aquilo que não se quer esquecer, o que corrobora a importância dos monumentos. Em relação à recordação do vivido, os eventos, as comemorações funcionam como uma manutenção da memória. A memória passa a ser entendida como memória-monumento, centrada em suscitações e evocações numa lógica própria para o evento ou para aquilo que não se quer deixar esquecido.

Para Nora (1993), os lugares de memória são construídos a partir de uma necessidade; portanto, não são gerados espontaneamente, mas a partir de uma seleção de eventos capazes de contar uma história. Por isso, faz-se necessária a manutenção de celebrações em comemoração a datas, com o propósito de que estas não caiam no esquecimento ou de que seja lembrado o que foi esquecido. Além disso, essas lembranças evocam pistas de reconhecimento a um grupo, bem como um sentido de pertença. Em tempo de globalização, e de forte insegurança e fragilidade identitária, o grupo elenca diferenciações que julga significativas.

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual (NORA, 1993, p. 21).

A memória coletiva confere uma identidade étnica, cultural ou religiosa a uma dada identidade coletiva; assim, os grupos precisam lembrar; relembrar e ritualizar para se reproduzir identitariamente. Devido a sua amplitude, a memória pode ser reconstruída a partir das

exigências dos grupos sociais ativos: ela é dinâmica e conflituosa, produtora e produto de tempos sociais e de fatos históricos. Os interesses que motivam a regulação de uma memória coletiva – inclusive os políticos, que podem dar maior visibilidade e conformar o olhar – são diversificados. A conservação ritualística legitima e amplia a identificação do grupo que a detém.

Apresentamos a primeira comemoração e rito simbólico acompanhado pela construção de um lugar de memória com o objetivo de deixar para a posteridade a imagem do fundador e iniciador do cooperativismo, o “colonurum pater”, ou “pai dos colonos”, para todos os integrantes dessas instituições, amigos, familiares, e para aqueles que no futuro conhecerão essa história. Dali em diante, Theodor Amstad não seria esquecido. Essa recordação, em 1942, pode ter sido movida também pela afetividade da comunidade que o conheceu e com ele convivera, o que foi demonstrado na mobilização do erguimento da praça. Esse afeto pôde ser demonstrado no discurso proferido pelo diretor da central das caixas rurais, que se localizava, desde 1926, em Porto Alegre, Albano Volkmer:

O habilíssimo padre soube captar, de entrada, como mérito absoluto de ação, a confiança de sua grei. Despertou-lhe o interesse pelo lado da economia, de começo, quando minguavam outros argumentos, e, aos poucos foi levando sua gente para o caminho da religião. Antes da missa, quando aparecia na Linha Imperial, assentava-se à sombra da árvore frondosa, justamente onde está o monumento, e reunia em torno de si os homens, os pais de família, e falava-lhes de seu árduo trabalho, dos apoucados ganhos, das dificuldades de toda ordem, para, em breve, conhecendo-lhes a inclinação, já dóceis ao seu insinuante modo de expor as coisas, acenar-lhes com a defesa econômica, que dependia de cada um, de todos, com tanto que tivesse a vontade de agir. [...] Incutia-lhes tal confiança, que se viam em exaltação, e, então levava-os à igreja, predispostos como os deixara para a piedade, no doce devaneio das esperanças que aproximam a Deus. E fazia-a num remate de encenação dramatizada. Em sua doutrinação de cooperativismo não atinava com as horas (VOLKMER, 1943 p. 20).

Os rituais e as celebrações são marcados por aquilo que não se quer esquecer. O culto aos heróis mortos ou aos sujeitos protagonistas de sua história ganhou força no Iluminismo Ocidental, durante o século XIX e início do XX. Esses sujeitos deveriam ser lembrados como modelos a serem seguidos, e as lembranças de Amstad se aproximam dessa interpretação. Augusto Comte institucionalizou e deu tratamento sistemático ao culto dos mortos, inspirado no modelo do próprio catolicismo, fomentando um ritual cívico-religioso.

Foi com o positivismo comtiano que o culto aos mortos recebeu *status* de extraordinário acontecimento social. Para os atores sociais mais importantes eram produzidas exéquias suntuosas e extremamente ritualísticas, realizando-se também discursos enaltecendo as qualidades do falecido e pompas fúnebres que alçavam o funeral ao patamar de grande espetáculo coletivo. Todos esses elementos de profunda devoção tinham como objetivo fazer com que o morto escapasse da condenação de não fazer parte da memória coletiva (SOARES, 2007, p. 51).

Outras datas também foram lembradas, seguidas de uma lógica própria e de ritos. No ano de 1951, houve uma comemoração daquilo que seriam os 100 anos de Theodor Amstad. Essa homenagem contou com a presença do Provincial da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus, Leopoldo Arntzen, da diretoria do Banco Agrícola Mercantil Ltda, de alunos e professores da escola Cristo Rei, de São Leopoldo, imbricando sua importância social com a religiosa.

No jornal “*A nação*” o então deputado estadual Nestor Pereira, em seu discurso por ocasião do Centenário de nascimento de Theodor Amstad e do cinquentenário da Caixa Rural pioneira, em 1952, manifestou sentimento de gratidão e entusiasmo pelas ações do jesuíta suíço. O centenário foi comemorado em dois momentos: o primeiro, no final do ano de 1951, no cemitério jesuítico, em São Leopoldo, junto à ordem religiosa a que este pertencia e às pessoas citadas acima; o segundo, foi em Nova Petrópolis, na Linha Imperial, junto à assembleia geral da cooperativa que ocorrera no mesmo dia. O discurso que remete a esse último evento foi publicado integralmente no jornal, em homenagem aos “aniversariantes”:

As comemorações que hoje aqui nos reúnem, como vemos fazem transcender o significado de meros festejos de aniversários. O que se está aqui verificando são os bons frutos de uma organização modelar, uma obra verdadeiramente social que realmente auxilia o agricultor.

Quero deixar aqui expresso o meu aplauso aos dirigentes da gloriosa Caixa Rural aniversariante. Meus cumprimentos dirigem-se também, de modo especial, à direção da Central das Caixas Rurais União Popular na pessoa do seu diretor-gerente, sr. Victor Affonso Hafner, cuja ação quase apostolar pelo nosso *hinterland*, quando inspetor desta mesma organização de crédito agrícola, é por todos assaz conhecida para que seja mister aqui realçá-la. Enfim eu felicito a todo este povo da Linha Imperial, que por seu trabalho progressista faz jus a honra de ser o berço das beneméritas Caixas Rurais (*A NAÇÃO*, 2/4/1952).

As narrativas também fazem parte desse processo ritualístico e simbólico no ato de rememorar. Na realização do 3º congresso católico, na cidade de Santa Clara da Feliz, em 1899, Amstad ficou encarregado de convencer os participantes a congregarem-se tanto na associação quanto na cooperativa que pensavam em criar. O discurso que ele proferiu nesse dia é extenso, mas uma frase em especial - e que ilustramos aqui - ficou na memória dos participantes daquele dia e se reproduziu facilmente ao longo dos anos.

Não basta que um indivíduo ponha mãos à obra. Será a tarefa de muitos em regime de cooperação. *Assim se quiserem mover uma grande pedra e estiverem presentes vinte homens, e cada um isoladamente tenta removê-la, nada conseguirá. Se, porém, os vinte homens agarrarem em conjunto, obedecendo a um comando, fizerem força ao mesmo tempo, levantarão com facilidade a pesada carga. [...] Se, porém, nos reunirmos, se criarmos uma associação de grande porte e abrangente, tornar-nos-emos fortes e sempre mais fortes* (RAMBO, 2011, p. 74, grifo nosso).

A frase grifada sobre a “pedra no caminho” foi corporificada. Aquele mesmo e já consolidado lugar, a Linha Imperial, em Nova Petrópolis, ganhou uma pedra enorme. Ela foi

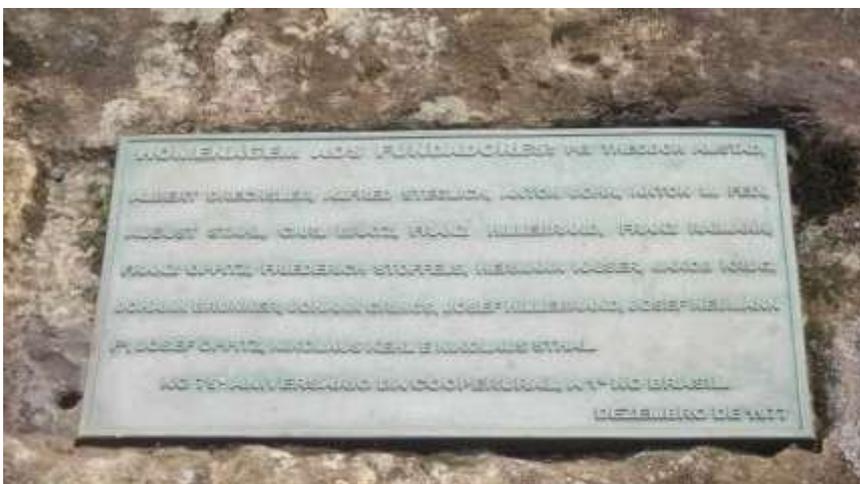
colocada no ano de 1977, em comemoração aos 75 anos da cooperativa, junto a pinheiros, que são reconhecidos internacionalmente como símbolo do cooperativismo, formando uma paisagem de recordação e identificação. A pedra-monumento está localizada em frente à escola estadual, que leva o nome “Padre Theodor Amstad”, e ao Museu Padre Amstad. Nela, há placas com inscrições e homenagens. A própria pedra configura-se como um monumento, um lugar de reflexão do passado. A primeira placa, que foi colocada no ano de 1977, homenageava os fundadores da Caixa Rural que, naquele período, era conhecida como COOPERURAL. A outra placa, colocada em 1986, diz respeito ao padre Theodor Amstad homenageando seu centenário de vinda ao Brasil.

Figura 5- A pedra símbolo do cooperativismo - Linha Imperial, Nova Petrópolis /RS.



Fonte: Do autor, 2012.

Figura 6- Primeira placa na pedra em homenagem aos fundadores da Caixa Rural de Nova Petrópolis/ RS, 1977



Fonte: Do autor, 2012.

Figura 7- Segunda placa na pedra em homenagem ao centenário de vinda do padre Theodor Amstad ao Brasil, em 1986.



Fonte: Do autor, 2012.

Como se pode observar, todas as lembranças e monumentos encontrados não estão desconectados de uma realidade, incluindo-se numa data comemorativa, que fez sentido tanto para aqueles que motivaram a memória quanto para os que participaram do momento, pela identificação e/ ou reconhecimento a partir da repetição das lembranças, mediadoras da memória coletiva. No entanto, para aqueles que não faziam parte do grupo associativo/cooperativo ou até mesmo étnico, esses eventos podiam ser entendidos como uma supervalorização de um indivíduo e o reforço de uma visibilidade sociocultural por meio dessas ações a toda sociedade local.

As diferentes formas de representação imagéticas dos mortos, referendadas por manifestações artísticas envolvendo a escultura, a pintura, a fotografia, estão ligadas à preservação da memória do morto, suprimindo sua ausência mediante a materialidade, mesmo em seus diferentes usos e funções. Essa memória e os eventos que a compõem podem ser identificados como uma dominação simbólica. A memória coletiva não se apoia somente na adesão afetiva, mas também na continuidade e na estabilidade por meio da institucionalização das lembranças: monumentos, datas, personagens, tradições, costumes, etc. Nesse caso, dada a importância dos laços afetivos do grupo que deseja recordar o imigrante suíço, importante liderança do início do século XX, pode não ter existido o domínio, mas um gerenciamento institucionalizado dessas memórias.

Conforme David Lowenthal (1998), não retornamos ao passado como máquinas do tempo toda vez que queremos lembrar, ou para ver *in loco* o que se passou. Portanto, a memória não preserva o passado intacto, mas o refaz adaptando-o para enriquecê-lo, dar-lhe significados no presente, para - quem sabe? - manipular o tempo presente. O tempo presente está constantemente reformulando o passado. É nesse mesmo tempo presente que a dimensão

política da memória emerge com as práticas comemorativas e rituais procurando construir uma identidade e apropriação.

A memória torna-se um elemento mediador do campo político, “e pode estar no interior de um campo de batalha pela significação dos tempos, dos fatos e dos sujeitos que desejam se centralizar” (SARLO, 2007, apud TEDESCO, 2011, p. 39). Tedesco (2011) nomeou de “notáveis da memória” aqueles que dimensionam políticas de memória dando visibilidade acadêmica ou midiática aos objetos do passado, lugares, fatos e arquivos. Os notáveis podem ser considerados tanto o poder público, que elege um grupo para isso, ou instituições como família, igrejas, partidos políticos, sindicatos, associações, etc. Nesses casos, podem ser deliberadas realidades reguladoras e impositivas de lembranças.

Contudo, ainda há os museus, que compartilham do mesmo tema e das mesmas rememorações. O prédio, que foi a primeira sede própria das caixas rurais em Nova Petrópolis, foi inaugurado em 1952, data em que se comemorava o 40º aniversário da cooperativa pioneira. Funcionou como tal entre os anos de 1953 e 1967. Em 1967, o prédio foi leiloado, para que fosse possível a mudança da instituição para o centro da cidade. Ele sempre foi um local de recordar, já que se localiza na Linha Imperial, mas, foi no ano de 2012, que tomou forma de museu, quando a SICREDI Pioneira comprou novamente o prédio.

Tudo isso encontra-se na Linha Imperial, constituindo uma visualidade sobre o imigrante suíço idealizador do cooperativismo e do associativismo e das próprias associações, sobretudo da SICREDI Pioneira. O Museu Padre Amstad não foi o primeiro da cidade: no ano de 1988, foi inaugurado o Museu da Caixa Rural, localizado no Parque Aldeia do Imigrante, no centro de Nova Petrópolis, que conta uma história mais singular da cooperativa. Isso por que o prédio em que se encontra o museu é uma réplica da sede onde se realizaram as primeiras reuniões de funcionamento e estrutura dos estatutos da Associação Rio-Grandense de Agricultores nos primeiros anos do século XX. Além disso, traz uma arquitetura bastante peculiar do imigrante alemão no Brasil.

Figura 8 - Primeira sede da Caixa Rural. Pertencia ao primeiro gerente Joseph Neumann. Museu Caixa Rural, Museu SICREDI, 1990.



Fonte: < www.cooperativismodecredito.com.br>.

As instituições, na pressão por lembrança e reconhecimento, na ânsia de buscar seu passado, suas origens, podem produzir instrumentos mediadores da memória na medida em que mobilizam trabalhos, comemorações e constroem lugares para recordar. A memória torna-se um instrumento bastante flexível e útil nas mãos de agentes sociais, servindo como lucro simbólico e estratégico de representação e visibilidade cultural, étnica e religiosa de um determinado grupo. Dessa forma, as instituições ou o poder público demonstram a arte de gerenciar, de atribuir o que, como e quando lembrar o passado. Ordenam os tempos dando-lhes sentidos com novas edificações, monumentos, praças, nomes de rua, etc. “Atualmente o campo da política, dos gestores da sociedade, dos grupos hegemônicos, em geral associados às esferas da grande mídia, da indústria do turismo, encarregam-se de dar a versão do passado que melhor lhes convenha, lhes agrade e lhes traga benefícios econômicos” (TEDESCO, 2011, p. 43).

Os patrimônios, que geralmente passam, geralmente, por disputas políticas, demonstram o desejo de preservação e dão sentido cultural, pois manifestam as formas de ver, sentir e estar no mundo dos grupos envolvidos. “O patrimônio utiliza fragmentos da história, resumos e traços; são manifestações de orgulho do passado, ou temor de repetição no presente, fatos negativos desse passado (como antiorgulho), herança que atesta valores em tempos outros” (POULOT, 1998, apud TEDESCO, 2011, p. 44). No entanto, na gestão da memória, toda tentativa de lembrar implica uma estratégia de esquecer. Nesse caso, trata-se de um esquecimento desejado e regulador do poder.

É nos momentos festivos que esses grupos familiares e étnicos procuram localizar no tempo e no espaço raízes e ações desvalorizadas no tempo, tanto no presente como no passado, como, por exemplo, o parentesco, a consanguinidade, a centralidade religiosa da vida nas colônias, e nesse caso analisado, as relações de trabalho a partir de um exemplo associativo. “A

lembrança ritualizada, nesse sentido, recoloca a esperança na capacidade de recuperar alguma coisa que se possuía, um tempo que se esqueceu” (TEDESCO, 2011, p. 182).

“Os notáveis da memória”, que aqui seriam os próprios líderes associativos e cooperados, fazem a manutenção dessas lembranças para os grupos envolvidos e, talvez, a imposição destas memórias a toda comunidade neopetropolitana. Acreditamos que a questão étnica reforça o sentido de pertença, pois, tanto a memória familiar quanto a étnica, possuem significados integrativos, e, por isso, configuram uma memória coletiva institucionalizada.

Esse conjunto de monumentos e museus, concentrados, em sua maioria, na Linha Imperial, exerce não só um poder político e simbólico, no que diz respeito a quem lembrar e para quem lembrar, como também o direito de ter lugares de memória. Essas ações, ao mesmo tempo que identificam, legitimam o grupo frente aos outros. Em ações sistematizadas de líderes do associativismo e autoridades políticas, procurou-se deixar às futuras gerações, relíquias, lugares, imagens, símbolos que lembrassem e contassem a história do associativismo, do cooperativismo e, conseqüentemente, da própria cidade de Nova Petrópolis, como berço desses modelos. Os vestígios físicos somente iluminam o passado, quando já sabemos de onde eles provêm ou a quem pertenciam. Dessa forma, eles passam a fazer sentido.

Os atos comemorativos majoritariamente realizados na Linha Imperial mostraram para nós o gerenciamento das lembranças e da ritualidade, personificando o próprio Theodor Amstad nesses lugares e, por consequência, reavivando seus ensinamentos. A memória será sempre absoluta, ela não relativiza: ela é feita pelo grupo e para o grupo.

Referências Bibliográficas

- AMSTAD, Teodoro. **Memórias autobiográficas**. Tradução de Arthur Rabuske. São Leopoldo: UNISINOS, 1981.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.
- BOHNEN, Aloysio. **Pe. Theodor Amstad, SJ. Um eminente apóstolo social**. São Leopoldo. Editora: UNISNOS. 2000.
- DEBRAY, Régis. **Vida y muerte de la imagen**. Historia de la mirada en occidente. Barcelona. Paidós, 1992, p. 19-63.
- CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo**. Memória e fim do fim da história. Coimbra: Almedina. 2009.
- GERTZ, René E. Catolicismo social no Rio Grande do Sul: A União Popular. **Veritas**, Porto Alegre, v. 37, n. 148, p. 553-579, Dez / 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

IMAGEM. **Comemoração do Centenário de Amstad**. Cemitério Jesuíta, São Leopoldo. Fundo Balduino Rambo S. J. Variados. Acervo de Documentação e Pesquisa – Memorial Jesuítico / UNISINOS, ALR 23, cód. 1.4.1.8. São Leopoldo.

IMAGEM. Disponível: < www.cooperativismodecredito.com.br>. Acesso em: 20/05/2011.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer**. Cérebro e memória. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.
LAUSCHNER S. J, Roque; LENS S. J, Martinho. Associativismo no contexto da reforma agrária do Rio Grande do Sul. In: **Semana Social do Rio Grande do Sul**. Semanas Sociais do Rio Grande do Sul. Anais da Semana Social do Rio Grande do Sul, 4. Porto Alegre: ISCRE, 1969, p. 169-232.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. São Paulo, vol. 17, p. 63-201, nov/1998.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros/USP**. São Paulo, vol. 34, p. 9-24, 1992.

_____. Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 23, n. 45, jul/ 2003. Disponível em: < www.scielo.com.br>. Acesso em 27 jun.2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução KHOURY, Yara Aun. **Projeto História**. São Paulo, vol. 10, p. 7-28, dez de 1993.

O cinquentenário da Caixa Rural de Nova Petrópolis. **A NAÇÃO**, Porto Alegre, ano 5, 2 de abril de 1952. Fundo Balduino Rambo S. J. Variados. Acervo de Documentação e Pesquisa – Memorial Jesuítico / UNISINOS. Cód. 1.4.1.6., SUP 53, 51-81, São Leopoldo.

RAMBO, Arhur Blásio. **Somando forças**: o projeto social dos jesuítas do sul do Brasil. São Leopoldo, RS: Ed: UNISINOS, 2011.

_____. Theodor Amstad. **Perspectiva Econômica**. Série Cooperativismo, vol. 35, n. 47, p. 5-37, 2000.

_____. A Igreja dos Imigrantes. In: DREHER, Martin N. (Org.). **500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: Edições EST, 2002, p. 57-73.

SANTOS, Alba Cristina Couto dos. **As marcas de Theodor Amstad no cooperativismo e no associativismo gaúcho: As lembranças da Associação Theodor Amstad e da SICREDI Pioneira**. PUCRS, 2013. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

SCHALLENBERGER, Erneldo & SCHALLENBERGER, Clair T. A. **Em nome de Amstad**. In: ARENDT, Isabel C. & RAMBO, Arthur B. (Orgs.). Cooperar para prosperar: a terceira via. Porto Alegre: SESCOOP/ RS, 2012, p. 13-48.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **Associativismo cristão no sul do Brasil. A contribuição da Sociedade União Popular e da Liga das Uniões Coloniais para a organização social e o desenvolvimento sulbrasileiro**. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.



SOARES, Miguel Augusto Pinto. **Representações da morte: Fotografia e memória**. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces. Introdução a uma análise sócio-histórica da memória**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo. Xanxerê: Ed. Universidade do Oeste de Santa Catarina. Porto Alegre: Suliani, Letra & Vida, 2011.

_____. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. 2. reimp. Barcelona: Paidós, 1997, p. 19-77.

VOLKMER, Albano. Discurso. **Relatório de atividades da Central das Caixas Rurais “tipo Raiffeisen” da União Popular do RS. Ano social - 1942**. Acervo de Documentação e Pesquisa/ Memorial Jesuítico - UNISINOS, mar/ 1943. Fundo Balduino Rambo S. J. Cód. 1.4.1.6. SUP 24, 17-42. São Leopoldo.